

Uma revisão da metodologia kardequiana para a universalidade do ensino dos espíritos [1]

Marcelo Henrique

“é incontestável que submetendo ao cadinho da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil será repelir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado; um grupo, enganado, mas o controle severo dos outros grupos; a ciência adquirida e a grande autoridade moral dos chefes de grupos; as comunicações dos principais médiuns que recebem um cunho de lógica e de autenticidade de nossos melhores Espíritos, rapidamente farão justiça aos ditados mentirosos e astuciosos emanados de uma turba de Espíritos enganadores, imperfeitos ou maus”

Erasto (Revue, outubro, 1861. Epístola aos espíritas lioneses).

RESUMO

Todos os que se debruçam sobre a Filosofia Espírita devem compreender não só a teoria expressa nas trinta e duas obras do Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, mas, além disso, entender o próprio processo de composição da teoria e de delimitação do escopo e alcance de cada uma delas.

Este trabalho procura delimitar as principais noções apresentadas pelo professor francês no estabelecimento da teoria espírita e sua validação pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE), verificar sua pertinência e atualidade e propor, experimentalmente, uma nova experimentação das evocações e da recepção de mensagens espontâneas, pela mediunidade, aplicando o CUEE sobre as mesmas e verificando se é possível agregar à teoria espírita originária, novos elementos ou princípios espíritas

INTRODUÇÃO

A Filosofia Espírita ou Doutrina dos Espíritos é uma obra de duplo escopo. Ela compreende a contribuição dos materiais obtidos por meio de fenômenos mediúnicos (marcantemente a psicografia, mas também permitindo a psicofonia) e, também, o exame lógico-racional deste material, por parte de seres encarnados, seguindo-se o método prescrito por Allan Kardec, o do Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE).

Se os Espíritos se comunicam com a Humanidade, neste planeta, desde que o homem é homem, já que a Mediunidade constitui patrimônio daquela e não é um privilégio dos espíritas, por meio dos médiuns diversos Espíritos se manifestaram, se manifestam e vão continuar se manifestando, de variadas maneiras.

Kardec era Kardec, mas ainda Rivail, o pedagogo francês, e não tinha, de antemão, ideia deste método antes de ouvir falar da fenomenologia mediúnica, embora já se interessasse pelo magnetismo há alguns anos.

O ponto de partida nos parece ser a própria composição do método, a partir da experimentação, isto é, valendo-se da dedução e não da indução, para que, depois, pudesse ser estruturado o caminho de obtenção, análise e recepção em um corpo doutrinário filosófico daquelas informações que, submetidas ao CUEE, fossem validadas.

É o que veremos adiante.

OS PRIMEIROS DIAS ESPÍRITAS DE RIVAIL E A PRODUÇÃO DA OBRA PRIMEIRA

Quando o professor francês ouviu falar, pela primeira vez, de fenômenos que estavam alvoroçando a sociedade francesa e européia na metade do Século XIX, mais especificamente sobre as chamadas “mesas girantes”, ao Sr. Fortier, Allan Kardec respondeu: “Eu acreditarei quando vir e quando me tiverem provado que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que se pode tornar sonâmbula. Até lá, permita-me que não veja nisso senão uma fábula” (SAUSSE, Henri. Biografia de Allan Kardec. Inclusa na edição de “O que é o Espiritismo, de Allan Kardec, Ed. FEB). Era 1854.

Autêntico e sincero, aquele homem revelou suas dúvidas e hesitações:

“Eu me encontrava, pois, no ciclo de um fato inexplicado, contrário, na aparência, às Leis da natureza e que minha razão repelia. Nada tinha ainda visto nem observado” (SAUSSE, *cit.*).

Foi, então, em maio do ano seguinte (1855) que ele testemunhou às primeiras experiências com as mesas, as quais saltavam e corriam, numa sessão na casa de Madame Plainemaison. Imagine o sobressalto que provocou naquele homem de ciência e pedagogia. Nesta mesma oportunidade, presenciou a escrita mediúnica em uma ardósia, com o auxílio de uma cesta. O que levou o Codificador, então, a afirmar mais categórica e convencidamente:

“Entrevi, sob essas aparentes futilidades e a espécie de divertimento que com esses fenômenos se fazia, alguma coisa de sério e como que a revelação de uma nova lei, que a mim mesmo prometi aprofundar” (SAUSSE, *cit.*). Ao invés, no entanto, de negar precipitada e previamente coisa alguma, pedia, ele, provas, querendo ver e observar para crer.

Também, em 1856, compareceu à casa do Sr. Roustan, com a participação decisiva da médium Srta. Japhet, sonâmbula, e com atividades da cesta aguçada, obteve muitas comunicações bastante interessantes e, a partir de sugestão dos Espíritos, foi continuado em sessões particulares.

De observação em observação, meticulosa e dedicadamente, já entre os Baudin, em outras sessões, agora já assiduamente, Rivail aplicou a esta nova ciência o método experimental:

“Nunca formulei teorias preconcebidas, observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento

lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão” (SAUSSE, *cit.*).

Isto para entender a natureza do fenômeno, depois conceituado, com substrato nos Ensinos dos Espíritos, como Mediúnico ou Mediunidade. Por ele, as inteligências invisíveis, daqueles que animaram corpos e personalidades no mundo material, neste planeta – mas, também, provavelmente, alguns, em outros orbes – vinham trazer as suas percepções acerca da vida além da matéria e das leis (espirituais) regentes e vigentes no Universo. É fato que a comunicabilidade entre os espíritos, um dos princípios fundamentais da Doutrina que aquele Professor traria à Humanidade, não era privilégio ou patrimônio daquele grupo situado neste quadrante da história, em solo francês, visto bem de perto pelo atento Rivail. A Mediunidade é patrimônio humano e se manifesta desde o aparecimento do homem neste plano. Assim como nos outros mundos habitados, outro princípio spiritista, as moradas na “Casa do Pai”, na poesia de Jesus de Nazaré.

Kardec destaca que, das primeiras observações, brotou o sentimento e a noção de que tais serviriam, apenas, para a sua própria instrução (sobre Psicologia, Filosofia ou acerca da Natureza do Mundo Invisível). Depois, tomando corpo, formando um conjunto, resultou na configuração de uma doutrina, vindo, daí, o pensamento (intuição, certamente) de publicar aqueles escritos, convencido que ficou de estar diante de uma realidade ímpar, “uma completa revolução nas ideias e nas crenças”. É o que ele assevera, a esse respeito: “Foram essas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, fizeram a base de “O Livro dos Espíritos”. Dez médiuns, assim, concorreram diretamente para a elaboração do livro primevo, em sua primeira edição, com 501 questões e respectivas respostas, que foram comparadas e fundidas, coordenadas e classificadas pelo Codificador.

Eis, aí, a primeira experimentação do MÉTODO DE KARDEC, o Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos (CUEE). Depois, na segunda edição, publicada em 1860, comunicações outras foram recepcionadas, utilizando-se o Codificador da seguinte expressão: “inteiramente refundida e consideravelmente aumentada”, conforme consta da folha de rosto da publicação, contendo, agora, 1019 itens, destacando, ele, que a publicação futura de uma parte suplementar já havia sido anunciada na edição inicial, sendo “composta de todas as questões que não encontraram lugar naquela edição, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos tivessem originado”. Que estudos seriam esses, senão a recepção e a catalogação de inúmeras mensagens psicográficas que começaram a ser enviadas, a maioria, pelo correio, a Kardec, de várias partes da França e da Europa, em face da disseminação de núcleos espíritas e a realização de sessões mediúnicas, com ou sem evocação [2].

O atento e dedicado pesquisador Canuto de Abreu [3], inclusive, ainda sobre as dicotomias entre as duas edições de “O livro dos Espíritos”, analisando todo o esforço de Rivail em apresentar uma edição revista e (bastante) ampliada para o livro basilar, assim se expressa:

“Uma apreciação completa da magnitude e êxito dessas alterações só pode ser alcançada pela análise comparativa detalhada das duas edições, o que não podemos, evidentemente, fazer aqui. Queremos apenas salientar que ao entregar-se a tão delicada e trabalhosa tarefa – qual a de praticamente refazer o livro inteiro – Kardec deu-nos dois importantes exemplos: o da humildade e o do zelo incessante pela qualidade de tudo o que dava a público. A reflexão sobre

esses exemplos e, sobretudo, a sua imitação, traria benefícios evidentes ao estado atual da produção bibliográfica espírita e do movimento espírita em geral”.

Kardec ainda salienta que nesta segunda publicação adotou uma “ordem bem mais metódica”, simbolizando, aqui, mais um essencial e formidável contributo daquele pensador ao conjunto doutrinário, posto que os Espíritos Superiores não lhe haviam ditado mensagens em ordem sistemática ou cronológica, mas de modo esparso, para que ele, o homem, também pudesse apor as suas digitais nesta grandiosa (e praticamente solitária) obra.

Merece destaque, também, a autocrítica de Rivail ao trabalho que empreendera – notadamente, continuamos a falar da obra que deu a largada a este novo conhecimento para a Humanidade – quando enuncia: “A coerência dos princípios expostos, não obstante a diversidade das fontes em que os buscamos, representa fato importante para o estabelecimento da ciência espírita”. E, para embasar ainda mais o próprio conceito (e a extensão) do CUEE, ele sentencia: “Nossa correspondência mostra que comunicações idênticas em todos os pontos, ao menos quanto ao fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso mesmo antes da publicação de nosso livro. Ele veio confirmá-las e dar-lhes corpo regular” (Prefácio de Kardec, à segunda edição francesa de “O livro dos Espíritos”).

E OS ESPÍRITOS? QUEM ERAM? COMO ACEITAR SUAS “REVELAÇÕES”?

Seriam todos os Espíritos comunicantes iguais? Isto é, estariam eles num mesmo padrão de inteligência e moralidade?

No contato com as Inteligências Desencarnadas, Kardec percebeu, em cada sessão e considerando as diferenças nos formatos adotados, em uma e outras, quando atendeu aos primeiros convites de participação, que havia, também, uma marcante diversidade entre os Espíritos que se manifestavam. Alguns eram frívolos, brincalhões, anedóticos. Outros, sérios e compenetrados. E isto era essencial para os resultados das sessões.

Sobre a diversidade encontrada, é o próprio Kardec quem responde aquelas questões iniciais, negativamente, e para tanto, além de diversas outras observações, com destaque para advertências quanto ao exame das comunicações, é em “O livro dos espíritos”, a obra inicial e fundamental, que ele consagra a imensa diversidade de qualificação entre os Espíritos, apresentando-nos os dez níveis de classificação espiritual, conforme a “Escala Espírita” (item 100 e seguintes).

Era preciso, como ele mesmo autoproclama, “agir com circunspeção, e não levianamente; ser positivista, não idealista”, para não se “deixar arrastar pelas ilusões” (KARDEC, Allan. “Obras Póstumas”). E uma dessas ilusões poderia ser a de que qualquer Espírito que se manifestasse seria INFALÍVEL e, suas afirmações, tomadas como VERDADES. Ao que se convenceu, pela experimentação e pelo debruçar sobre as mensagens, “que os Espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber era limitado ao grau do seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal” (SAUSSE, *cit.*).

Evitou, assim, formular teorias prematuras embasadas na opinião de um só (ou de alguns). Observa ele que, dada a diversidade dos manifestantes, estes traziam retalhos para a composição de imensa e detalhada colcha, onde cada Espírito se expressava “em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos”, desvendando uma “fase desse mundo”, do mesmo modo que, para se conhecer, lembra ele, o estado de um país, se interrogaria diferentes habitantes, com classes e condições distintas, a fim de compor um quadro (o mais) completo (possível).

Ciente dessa magnitude de diversidades, o Codificador estabeleceu, não na obra primeira, mas, depois, em “O evangelho segundo o espiritismo”, os dois critérios de aferição das mensagens que provinham dos Espíritos. Na Introdução da obra em comento, item 2, ele configura o “controle da razão” e o “controle universal”. E estabelece, entre eles, uma gradação de importância. Já veremos esta ascendência de um sobre o outro.

Antes, é preciso definir e delimitar o Controle Universal do Ensino dos Espíritos, tarefa que o próprio Kardec se desincumbiu com maestria: “A única garantia segura do ensino dos Espíritos está na concordância das revelações feitas espontaneamente, através de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares” (Kardec, A. “O evangelho segundo o Espiritismo”, Introdução). No núcleo central deste conceito figuram os seguintes elementos: 1) garantia segura; 2) concordância; 3) revelações feitas espontaneamente; 4) grande número de médiuns, estranhos uns aos outros e em diversos lugares. Note que os quatro requisitos são aditivos e não alternativos. Ou seja, todos têm de ocorrer ao mesmo tempo, para validar a tese kardequiana.

Assim sendo, só passariam a ser reconhecidas como afirmações genuinamente espíritas, constantes do “edifício” de princípios, fundamentos e conceitos espiritistas se e somente se estivessem presentes as quatro situações antes elencadas.

Isto posto, Kardec inteligentemente coloca o próprio método (e suas ferramentas) à prova, para que não restem dúvidas acerca de sua efetividade e abrangência.

Os critérios kardecianos de aferição

Voltando ao ponto prometido acima, os dois critérios de aferição da mensagem seriam:

- a) O controle universal – em que as ideias devem estar expressas de modo similar, ao menos no fundo, por diferentes médiuns e em diferentes locais; e,
- b) O controle da razão – resultando em que somente se irá admitir o que seja racional e sensato no corpo filosófico do Espiritismo. Isso implica na concordância baseada em três caracteres: o bom sentido; a lógica rigorosa; e, os dados positivos (ciência material) que se possui.

Assim, é o Codificador que estabelece a hipótese de confrontar um e outro controle, em casos reais e diante de mensagens mediúnicas, apresentando, de pronto, a solução no caso de conflitos. Isto, em face, diz Kardec, de duas constatações: 1) nem todos os médiuns têm a

possibilidade e os conhecimentos para uma análise racional da mensagem; e, 2) um médium pode equivocar-se e vários deles têm uma probabilidade menor de erro.

Por isso, quando ocorrer a incompatibilidade entre um controle e o outro, qual deve preponderar? Ora, Kardec mesmo afirma que nem sempre a opinião da maioria corresponde à realidade. Muitos Espíritos podem estar equivocados e não será a quantidade de manifestações coincidentes que irá determinar a sua validade, veracidade e a conseqüente aceitação. Os Espíritos não são seres privilegiados, perfeitos, mas são seres que apenas estão no mundo espiritual.

Por isso, diante de uma contradição, qual critério deve preponderar? O da universalidade de manifestações ou o da razão? O da razão, diz Rivail, porque se tem comprovado que nem sempre o que diz a maioria é o correto. Assim, independente da opinião da maioria, qualquer ideia deve se submeter a uma análise racional, a uma lógica rigorosa e deve ser comparada com os dados positivos que se tenha acerca de tal ideia. E isto, para Kardec, é a melhor garantia de progresso e de crescimento dentro do Espiritismo.

Herculano estudou o CUEE

Para Herculano Pires, que se debruçou sobre o CUEE com afinco, para entender a sistemática de composição da Doutrina dos Espíritos, o método fenomenológico espírita consiste em:

- i) escolha de colaboradores mediúnicos insuspeitos, tanto do ponto de vista moral quanto da pureza das faculdades e da assistência espiritual;
- ii) análise rigorosa das comunicações, do ponto de vista lógico, bem como o do seu confronto com as verdades científicas demonstradas. Pondo-se de lado tudo aquilo que não possa ser justificado;
- iii) controle dos espíritos comunicantes, através da coerência de suas comunicações e do teor de sua linguagem;
- v) consenso universal, ou seja, concordância de várias comunicações, dadas por médiuns diferentes, ao mesmo tempo e em vários lugares, sobre o mesmo assunto.

Do CUEE não vieram, apenas, as afirmações sobre numerosos e diversificados temas, fazendo o Espiritismo alcançar o varejo da curiosidade e do desejo de conhecimento do Codificador (e, por extensão dos homens de seu tempo e dos vindouros), mas, de uma forma mais importante, a definição e conceituação dos PRINCÍPIOS (BÁSICOS) DO ESPIRITISMO. Neste ponto, muitas das informações que foram trazidas, dentro do contexto da Filosofia Espírita foram, como humilde e corretamente destaca Kardec, já se encontravam presentes nas civilizações espalhadas pelo orbe e na conceituação dada por cientistas, filósofos ou pensadores: “A história, por sua vez, prova que a maioria desses princípios foram proferidos pelos mais eminentes homens dos tempos antigos e modernos, trazendo-lhes, assim, a sua sanção” (Prefácio de Kardec, à segunda edição francesa de “O livro dos Espíritos”).

Registre-se, com fulcro nos relatos do próprio pedagogo que, como observador, ele desejava formar o conjunto, com o auxílio de documentos egressos de muitos lados, “coleccionados, coordenados e confrontados entre si” (SAUSSE, *cit.*). Aí está a essência do CUEE, não importando a assinatura do Espírito ou a identificação do médium que a houvera recepcionado. O contato com as comunicações – e, também, com os Espíritos nas sessões em que ele participou – foram MEIOS de coleta de informações e estes últimos jamais foram tidos como REVELADORES PREDESTINADOS.

Sausse

Um recorte de todo este trabalho é salientado por Sausse quando lembra que Kardec houvera colacionado cinquenta cadernos de comunicações diversas que haviam sido produzidas em sessões mediúnicas de que participaram seus conterrâneos [4], entre os quais Didier o seu editor, para os quais, intimamente, alegava estar em dificuldade para pôr em ordem, absorvido por outras preocupações, além de observar a existência de inúmeras lacunas e obscuridades. Kardec considerava tal atividade, de organização do material colhido e sua complementação a partir de novos questionamentos e evocações, enfadonho e por demais absorvente, já que possuía outros trabalhos. A insistência dos amigos e a orientação de um espírito que se identificou como seu protetor (“Z.”) foram decisivos para levar o francês a retomar atenta leitura, suprimir repetições, ordenar e assinalar lacunas a preencher, obscuridades a aclarar, assim como enumerar, uma a uma, as perguntas que seriam feitas em sessões específicas.

É o biógrafo Henri Sausse que, também, destaca as principais qualidades do espírito daquele professor: pensador tão arrojado quanto metódico, sagaz observador, filósofo sábio, clarividente e profundo, e trabalhador obstinado, com capacidade para dar conta da tarefa que lhe era confiada, uma vontade de ferro e um poder de combatividade, extraordinários. Era, ainda, um lingüista insigne, falava e escrevia em cinco idiomas, além do pátrio, francês (alemão, inglês, italiano, espanhol e holandês).

Kardec ainda fala de questões “mais melindrosas” para as quais buscou outros médiuns, ampliando o escopo de análise comparativa. E não foram, igualmente, poucas as vezes em que, ora por intuição ora pela manifestação de efeitos físicos, em seu gabinete de trabalho, provocando “pancadas” lhe motivou ao reexame das publicações que confeccionava. Quando diante do fenômeno que se repetia naquele gabinete, questionou, em sessões posteriores, a razão da fenomenologia e os Espíritos Superiores lhe confirmaram que estes desejavam chamar-lhe a atenção para que ele corrigisse certos erros ou refizesse textos.

AS INÚMERAS DEMONSTRAÇÕES DA UTILIZAÇÃO DO MÉTODO, NOS RELATOS DE KARDEC EM SUAS OBRAS

Além da definição categórica do CUEE contida na já citada Introdução, Item II, de “O evangelho segundo o Espiritismo”, Kardec após elementos práticos e relatou as experiências com a adoção do método por toda a “Revue Spirite”, assim como em outros livros seus, considerados

fundamentais, como “O que é o Espiritismo”, “A gênese”, “Instruções práticas sobre as manifestações espíritas” e “Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas”.

São, ao todo, quarenta e quatro remissões ao método, à sua aplicabilidade e à sua imprescindível observação na análise dos materiais obtidos por via mediúnica.

Veja o quadro:

Obra	Ano	Especificação
OLE	1857	Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita. Item XII
OQEOE	1859	Noções Elementares de Espiritismo. Contradições. Capítulo II, Itens 97-99
IPSME	1862	Das Manifestações Espíritas. Capítulo II
OESE	1864	Autoridade da Doutrina Espírita. CUÉE. Introdução. Item II
AG	1868	Introdução. Oitavo Parágrafo Caráter da Revelação Espírita. Capítulo I. Itens 16 e 54 Gênese Espiritual. Doutrina dos anjos decaídos e da perda do paraíso. Item 42
Revue Spirite	1858	Outubro. Obsedados e Subjugados
	1859	Abril. Fraudes Espíritas Abril. Quadro da vida espírita Julho. Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas Novembro. Devemos publicar tudo quanto dizem os espíritos?
	1860	Março. Boletim Julho. Exame crítico (das dissertações de Charlet sobre animais) Agosto. Boletim Setembro. Boletim Setembro. Correspondência ao Sr. Presidente da SPEE Novembro. Homero Novembro. Relações afetuosas dos Espíritos Novembro. Boletim
	1861	Outubro. Epístola de Erasto aos Espíritas Lioneses
	1862	Janeiro. Controle do Ensino Espírita
	1863	Maio. Exame das comunicações mediúnicas que nos enviam
	1864	Março. A perfeição dos seres criados Abril. Autoridade da Doutrina dos Espíritos Abril. Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas Maio. Sociedade Espírita de Paris. Discurso de abertura do sétimo ano social Maio. A escola espírita americana Setembro. O novo bispo de Barcelona Outubro. O sexto sentido e a visão espiritual Novembro. Periodicidade da Revista Espírita
	1865	Janeiro. Instruções dos Espíritos Maio. Questões e Problemas Junho. Nova tática dos adversários do Espiritismo Outubro. Partida de um adversário do Espiritismo para o mundo dos Espíritos Dezembro. Os romances espíritas
	1866	Janeiro. As mulheres têm alma? Abril. O Espiritismo sem os Espíritos Junho. Notícias bibliográficas. Os evangelhos (explicados pelo Sr. Roustaing) (1)
	1867	Setembro. Caracteres da revelação espírita Novembro. Impressões de um médium inconsciente a propósito do romance do futuro
	1868	Março. Comentário sobre os Messias do Espiritismo Março. Ensaio teórico das curas instantâneas
	1869	Abril. Profissão de fé espírita americana

Vale dizer que algumas das ideias apresentadas nos fascículos da Revue foram, depois, incorporadas nas outras obras acima elencadas, já que, a partir do laboratório da revista, muitos textos eram, após a devida maturação, inclusas entre as publicações principais do Espiritismo, rotina adotada pelo Codificador.

A autoridade do Método Kardeciano

Dentre estas tantas citações e remissões de Kardec ao CUEE, apresentamos algumas, exemplificativas, que enaltecem não só a AUTORIDADE DO MÉTODO, como a sua expressa utilização como requisito essencial para a construção da própria doutrina:

- “cabe a nós pormo-nos em guarda e não aceitar sem controle tudo quanto nos dizem” (“Revue”, outubro, 1858);
- “Essa impossibilidade de compreender o que está acima de seu alcance, aliada à fanfarrice, usual companheira da ignorância, é a fonte de teorias absurdas dadas por certos Espíritos que nos induziriam em erro se as aceitássemos sem controle e se não estivéssemos seguros, pelos meios fornecidos pela experiência e pelo hábito de com eles conversar, quanto ao grau de confiança que merecem” (“Revue”, abril, 1859);
- “Um Espírito poderia, pois, dizer que é o Sol que gira, e não a Terra. Sua teoria não seria mais exata pelo fato de provir de um Espírito. Saibam, pois, aqueles que nos atribuem uma credulidade tão pueril, que tomamos toda opinião emitida por um Espírito como uma opinião pessoal; que não a aceitamos senão depois de havê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação fornecidos pela própria Ciência Espírita, meios que vós todos conheceis” (“Revue”, julho, 1859);
- “Eu devo dizer em que se funda a minha confiança na veracidade e na superioridade dos Espíritos que me instruíram. Para começar direi que, conforme o seu conselho, nada aceito sem controle e sem exame. Só adoto uma ideia quando ela me parece racional, lógica e concorde com os fatos e as observações, desde que nada de sério venha contradizê-la. Entretanto, meu julgamento não poderá ser um critério infalível. O assentimento que encontrei por parte de pessoas mais esclarecidas do que eu dá-me a primeira garantia. Mas eu encontro outra não menos preponderante no caráter das comunicações que foram feitas, desde que me ocupo de Espiritismo. Jamais – posso dizê-lo – escapou uma única dessas palavras, um só desses sinais pelos quais sempre se traem os Espíritos inferiores, mesmo os mais astuciosos. Jamais dominação; jamais conselhos equívocos ou contrários à caridade e à benevolência; jamais prescrições ridículas. Longe disso, neles só encontrei pensamentos grandes, nobres, sublimes, isentos de pequenez e de mesquinha” (“Revue”, julho, 1859);
- “De acordo com o caráter e a elevação dos Espíritos, as comunicações poderão ser levianas, triviais, grosseiras e até mesmo obscenas, ou marcadas pela elevação intelectual, pela sabedoria e pela sublimidade. Eles se revelam por sua própria linguagem. Daí a necessidade de não aceitar cegamente tudo quanto vem do mundo oculto, e de tudo submeter a um severo controle. Com as comunicações de certos

Espíritos, do mesmo modo que com os discursos de certos homens, poder-se-ia fazer uma coletânea muito pouco edificante” (“Revue”, novembro, 1859);

- “que, entre os Espíritos que se manifestam, há-os de todos os graus; que suas comunicações refletem suas ideias pessoais, nem sempre inteiramente justas. Conforme o conselho que lhe foi dado, a Sociedade as recebe como expressão de uma opinião individual e se reserva o direito de julgá-las, submetendo-as ao controle da lógica e da razão. É essencial se saiba que ela não adota como verdadeiro tudo quanto vem dos Espíritos. Por suas comunicações, o Espírito dá a conhecer o que ele é no bem ou no mal, na ciência ou na ignorância. São para ela assuntos de estudo. Ela aceita o que é bom e rejeita o que é mau” (“Revue”, março, 1860);
- “só os Espíritos chegados ao último grau de perfeição estão isentos de erros. Os outros, por melhores que sejam, nem tudo sabem e podem enganar-se; mas, quando verdadeiramente bons, o fazem de boa-fé e concordam francamente, ao passo que há outros que o fazem conscientemente e que se obstinam nas mais absurdas ideias. É por isso que devemos guardar-nos de aceitar o que vem do mundo invisível sem havê-lo submetido ao controle da lógica. Os bons Espíritos o recomendam incessantemente e jamais se ofendem com a crítica porque, de duas uma: ou estão seguros do que dizem e então nada temem, ou não o estão e, se têm consciência de sua insuficiência, eles mesmos buscam a verdade. Ora, se os homens podem instruir-se com os Espíritos, alguns Espíritos podem instruir-se com os homens” (“Revue”, julho, 1860);
- “Para os médiuns é um meio de controle que, esclarecendo-os quanto à natureza das comunicações que recebem, pode protegê-los contra enganos” (“Revue”, setembro, 1860);
- “Disseram os seus guias espirituais que ‘É preciso desconfiar das ideias sistemáticas dos Espíritos, tanto quanto dos homens, e não aceitá-las levemente e sem controle, se não nos quisermos expor, mais tarde, a ver desmentido o que tivermos aceito com muita precipitação’” (“Revue”, setembro, 1860);
- “Se Georges tivesse sido um desses Espíritos vulgares ou sistemáticos, que externam suas próprias ideias sem se inquietarem com sua exatidão ou sua falsidade, não teríamos dado a menor importância. Em razão de sua sabedoria e de sua profundidade habituais, poder-se-ia supor houvesse algo de verdadeiro no fundo dessa teoria, mas que o pensamento não teria sido expresso completamente. Com efeito, é o que resulta das explicações que pedimos. Temos, pois, uma prova a mais de que nada se deve aceitar sem o haver submetido ao controle da razão; e aqui a razão e os fatos nos dizem que tal teoria não poderia ser absoluta” (“Revue”, novembro, 1860);
- “é preciso submeter todas as comunicações ao severo controle da lógica e da razão” (“Revue”, novembro, 1860);
- “aceitam com toda humildade e prudente reserva as comunicações que recebem, sempre as submetendo ao controle da razão. É o único meio de desencorajar os Espíritos enganadores, sempre à espreita de pessoas dispostas a aceitar sob palavra tudo quanto vem do mundo dos Espíritos, desde que subscrito por um nome respeitável” (“Revue”, novembro, 1860);
- “é incontestável que submetendo ao cadinho da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil será repelir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado; um grupo, enganado, mas o controle severo dos outros grupos; a ciência

adquirida e a grande autoridade moral dos chefes de grupos; as comunicações dos principais médiuns que recebem um cunho de lógica e de autenticidade de nossos melhores Espíritos, rapidamente farão justiça aos ditados mentirosos e astuciosos emanados de uma turba de Espíritos enganadores, imperfeitos ou maus” (“Revue”, outubro, 1861);

- “O que acima de tudo contribuiu para o crédito da doutrina de O Livro dos Espíritos foi precisamente que sendo produto de um trabalho semelhante, tem um eco em toda parte. Como o dissemos, nem é obra de um Espírito único, que poderia ser sistemático, nem de um médium único, que poderia ser enganado. É, ao contrário, um ensino coletivo, dado por uma grande diversidade de Espíritos e de médiuns, e cujos princípios que encerra são confirmados mais ou menos por toda parte. Dizemos mais ou menos, visto que, como acima ficou explicado, há Espíritos que procuram fazer prevalecer suas ideias pessoais. É, pois, útil submeter as ideias divergentes ao controle que propomos. Se a doutrina ou quaisquer pontos doutrinários que professamos fossem reconhecidos como errados, num julgamento unânime, submeter-nos-íamos sem murmuração, sentindo-nos felizes por terem outros encontrado a verdade. Se, entretanto, ao contrário, elas forem confirmadas, não de permitir creiamos estar com a verdade” (“Revue”, janeiro, 1862);
- “É verdade que vários Espíritos deram teorias a respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva. Assim, até nova ordem, elas não podem ser consideradas senão como sistemas individuais. Só a concordância lhes pode dar a consagração, pois nisto está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. Eis por que estamos longe de aceitar como verdades irrefutáveis tudo quanto eles ensinam individualmente. Um princípio, seja qual for, para nós só adquire autenticidade pela universalidade do ensinamento, isto é, por instruções idênticas dadas em todos os lugares por médiuns estranhos uns aos outros sem sofrer as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos bons e esclarecidos. Por Espíritos esclarecidos deve entender-se os que provam sua superioridade pela sua elevação de pensamento e pelo o alto alcance de seus ensinamentos, jamais se contradizendo e jamais dizendo nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. Assim é que foram controladas as diversas partes da doutrina, formulada no Livro dos Espíritos e no Livro dos médiuns” (“Revue”, março, 1864);
- “Em geral nunca seria demasiada a prudência em face a teorias novas, sobre as quais poderíamos ter ilusões. Assim, quantas vimos, desde a origem do Espiritismo, que, publicadas prematuramente, apenas tiveram vida efêmera! Assim será com todas as que apenas tiverem caráter individual e não tiverem passado pelo controle da concordância” (“Revue”, março, 1864);
- “A razão, a lógica, o raciocínio, sem dúvida são os primeiros meios de controle a serem usados. Em muitos casos isto basta, mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma ideia nova, seria presunção crer-se infalível na apreciação das coisas. É este, ademais, um dos caracteres distintivos da revelação nova, o de ser feita em toda parte ao mesmo tempo. Assim acontece com as diversas partes da doutrina. Aí está a experiência para provar que todas as teorias aventureiras por Espíritos sistemáticos e pseudossábios sempre foram isoladas e localizadas. Nenhuma delas tornou-se geral e suportou o controle da concordância. Várias, mesmo, caíram no ridículo, prova evidente

de que não estavam certas. O controle universal é uma garantia para a futura unidade da doutrina” (“Revue”, março, 1864);

- “Haveria, pois, imprudência e leviandade em aceitar sem controle tudo o que vem dos Espíritos. Os Espíritos só podem responder sobre o que sabem e, além do mais, sobre o que lhes é permitido responder, porque há coisas que eles não devem revelar, porque ainda não é dado ao homem tudo conhecer” (“Revue”, abril, 1864);
- “A qualidade dos Espíritos é reconhecida pela linguagem. A dos Espíritos realmente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de toda trivialidade, puerilidade ou contradição; respira sabedoria, benevolência e modéstia; é concisa e sem palavras inúteis. A dos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos carece dessas qualidades; o vazio das ideias aí é quase sempre compensado pela abundância de palavras” (“Revue”, abril, 1864);
- “Esse controle universal é uma garantia para a futura unidade do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no futuro, será procurado o critério da verdade. O que fez o sucesso da doutrina formulada no Livro dos Espíritos e no Livro dos médiuns é que por toda parte cada um pôde receber dos Espíritos, diretamente, a confirmação do que eles encerram. Se de todos os lados os Espíritos tivessem vindo contradizê-los, de há muito esses livros teriam tido a sorte de todas as concepções fantásticas. O próprio apoio da imprensa não os teria salvo do naufrágio, ao passo que, privados desse apoio, nem por isto deixaram de fazer um caminho rápido, porque tiveram o dos Espíritos, cuja boa vontade compensou com sobra a má vontade dos homens. Assim será com todas as ideias emanadas dos Espíritos ou dos homens que não puderem suportar a prova desse controle cujo poder ninguém pode contestar” (“Revue”, abril, 1864);
- “Por mais bela, justa e grande que seja uma ideia, é impossível que, desde o começo, alie todas as opiniões. Os conflitos daí resultantes são consequência inevitável do movimento que se opera; são mesmo necessários para melhor destacar a verdade, e é útil que ocorram no começo, para que as ideias falsas sejam mais prontamente descartadas. Os espíritas que concebessem alguns temores devem, pois, ficar perfeitamente seguros. Todas as pretensões isoladas cairão pela força das coisas, ante o grande e poderoso critério do controle universal. Não é à opinião de um homem que eles se aliarão, é a voz unânime dos Espíritos. Não é um homem, nem nós mais que outro, que fundará a ortodoxia espírita; também não é um Espírito vindo impor-se a quem quer que seja: é a universalidade dos Espíritos, comunicando-se em toda a Terra, por ordem de Deus. Aí está o caráter essencial da Doutrina Espírita. Aí está a sua força e a sua autoridade. Deus quis que a sua lei se assentasse numa base inabalável, por isso não a assentou sobre a cabeça frágil de um só” (“Revue”, abril, 1864);
- “A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem ou de um Espírito. Ela está na universalidade do ensino dado por estes últimos. O controle universal, como o sufrágio universal, resolverá no futuro todas as questões litigiosas. Ele estabelecerá a unidade da doutrina muito melhor que um concílio de homens” (“Revue”, maio, 1864);
- “É por isso que os esforços feitos para fantasiar o Espiritismo não dão resultado. O número daqueles que falsas alegações chegam a enganar é muito pequeno, e muitos desses, querendo ver por si mesmos, reconhecem a verdade. Como persuadir uma multidão de que é noite, quando todos podem ver que é dia claro? Essa faculdade de

controle prático dada a todos é um dos caracteres especiais do Espiritismo, e é o que constitui a sua força. Já é diferente com as doutrinas puramente teóricas, que podem ser combatidas pelo raciocínio. Mas o Espiritismo é baseado em fatos e observações que incessantemente cada um tem à mão” (“Revue”, setembro, 1864);

- “O segundo motivo está na própria natureza de nossa Revista, que é menos um jornal do que o complemento e o desenvolvimento de nossas obras doutrinárias. A forma periódica nos permite nela introduzir mais variedade do que num livro, e registrar as atualidades. Nela vêm agrupar-se, conforme as circunstâncias e a oportunidade, os fatos mais interessantes, as refutações, as instruções dos Espíritos; nela se desenham as diferentes fases do progresso da ciência espírita; nela, enfim, são experimentadas, sob forma dubitativa, as teorias novas que não podem ser aceitas senão depois de recebida a sanção do controle universal” (“Revue”, novembro, 1864);
- “O Espiritismo, repetimo-lo, ainda tem que passar por rudes provas e é aí que Deus reconhecerá seus verdadeiros servidores, por sua coragem, por sua firmeza e por sua perseverança. [...] A maior prova não será, entretanto, a perseguição, mas o conflito das ideias que será suscitado e com cujo auxílio esperam romper a falange dos adeptos e à admirável unidade que se faz na doutrina. Esse conflito, embora provocado com má intenção, quer venha ele de homens, quer de maus Espíritos, é, contudo, necessário e deve trazer uma perturbação momentânea nalgumas consciências fracas, e mesmo que cause uma perturbação momentânea em algumas, terá como resultado definitivo a consolidação da unidade. Em todas as coisas não se devem julgar pontos isolados, mas ver o conjunto. É útil que todas as ideias, mesmo as mais contraditórias e as mais excêntricas, venham à luz; elas provocam o exame e o julgamento, e se forem falsas, o bom-senso lhes fará justiça: elas cairão forçosamente ante a prova decisiva do controle universal, como já caíram tantas outras. Foi esse grande critério que fez a unidade atual; será ele que a concluirá, porque é o crivo que deve separar o bom do mau grão, e a verdade será mais brilhante quando sair do cadinho, livre de todas as escórias. O Espiritismo ainda está em ebulição; deixemos pois a espuma subir à tona e se derramar e ele apenas ficará mais depurado” (“Revue”, junho, 1865);
- “Por outro lado, o Espiritismo não dobra as inteligências ao seu jugo; ele não impõe uma crença cega; ele quer que a fé se apoie na compreensão. É principalmente nisto, senhor padre, que divergimos na maneira de ver. Assim, a cada um deixa ele inteira liberdade de exame, em virtude do princípio que, sendo a verdade una, mais cedo ou mais tarde ela deve prevalecer sobre o que é falso, e que um princípio baseado no erro cai pela força das coisas. As ideias falsas, postas em discussão, mostram seu lado fraco e se apagam ante o poder da lógica. Essas divergências são inevitáveis no começo; são mesmo necessárias, porque ajudam a depuração e o estabelecimento da ideia fundamental. É preferível que elas se produzam desde o começo, pois a doutrina verdadeira delas se desembaraçará mais cedo. Eis por que sempre dissemos aos adeptos: Não vos inquieteis com as ideias contraditórias que podem ser emitidas ou publicadas. Vede quantas já morreram no nascedouro! Quantos escritos dos quais não mais se fala! O que buscamos? O triunfo, a qualquer preço, de nossas ideias? Não, mas o da verdade. Se entre as ideias contrárias, algumas forem mais verdadeiras que as nossas, elas triunfarão e deveremos adotá-las; se forem falsas, não poderão suportar a

prova decisiva do controle do ensino universal dos Espíritos, único critério da ideia que sobreviverá” (“Revue”, outubro, 1865);

- “esses estudos não são a criação de um só homem, nem as revelações de um só Espírito, mas o produto de inúmeras observações idênticas, feitas diariamente por milhares de pessoas, em todos os países, e que assim receberam a sanção poderosa do controle universal, sobre o qual se apoiam todas as teorias da Ciência Espírita” (“Revue”, janeiro, 1866);
- “Tendo os Espíritos a liberdade de comunicar-se, independentemente de seu grau de saber, disso resulta uma grande diversidade no valor das comunicações, como nos escritos, num povo em que todo mundo tem a liberdade de escrever, e onde, certamente, nem todas as produções literárias são obras primas. Segundo as qualidades individuais dos Espíritos, há, pois, comunicações boas pelo fundo e pela forma, e outras, enfim, que nada valem, nem pelo fundo nem pela forma. Cabe-nos escolher. Rejeitá-las todas porque algumas são más, não seria mais racional do que proscrever todas as publicações porque há escritores que produzem vulgaridades. Os melhores escritores, os maiores gênios, não têm coisas fracas em suas obras? Não se fazem seleções do que eles produziram de melhor? Façamos o mesmo em relação à produção dos Espíritos; aproveitemos o que há de bom e rejeitemos o que é mau; mas, para arrancar o joio, não arranquemos o bom grão” (“Revue”, abril, 1866);
- “Consequente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação nem desaprovação, deixando ao tempo o trabalho de sancioná-las ou contraditá-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todo caso, necessitam da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita” (“Revue”, junho, 1866);
- “Tendo os elementos da revelação espírita sido dados simultaneamente numa porção de lugares, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é bem evidente que as observações não podiam ser feitas em toda parte com os mesmos resultados; que as conseqüências a delas tirar, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, numa palavra, a conclusão que devia assentar as ideias, não podiam sair senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito num círculo restrito, o mais das vezes não vendo senão uma ordem particular de fatos por vezes aparentemente contraditórios, geralmente não tratando senão com uma mesma categoria de Espíritos e além disso entravado pelas influências locais e pelo espírito de partido, achava-se na impossibilidade material de abarcar o conjunto e, por isso mesmo, impotente para ligar as observações isoladas a um princípio comum. Cada um apreciando os fatos do ponto de vista de seus conhecimentos e de suas crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestam, em breve haveria tantas teorias e sistema quantos centros, dos quais nenhum poderia ter sido completo, por falta de elementos de comparação e de controle” (“Revue”, setembro, 1867);
- “para que pudéssemos, pela comparação, ter um controle por assim dizer imediato e permanente na universalidade do ensino, cada parte só tendo valor e autoridade pela conexão com o conjunto, devendo todas harmonizar-se e cada uma chegar a seu tempo

e ao seu lugar. Não confiando a um só Espírito o cuidado da promulgação da doutrina, ele quis, além disso, que o menor, como o maior, entre os Espíritos como entre os homens, trouxesse sua pedra ao edifício, a fim de estabelecer entre eles o laço de solidariedade cooperativa que faltou a todas as doutrinas que saíram de uma fonte única” (“Revue”, setembro, 1867);

- “Os Espíritos fazem parte da Humanidade, e até que tenham atingido o ponto culminante da perfeição, para o qual gravitam, estão sujeitos a enganar-se. Eis por que jamais se deve fazer abnegação do livre-arbítrio e do raciocínio, mesmo em relação ao que vem do mundo dos Espíritos. Jamais devemos aceitar qualquer coisa de olhos fechados e sem o controle severo da lógica. Sem nada prejudicar sobre os documentos em questão, eles poderiam conter coisas boas e más, verdadeiras e falsas, e, por consequência, teríamos que fazer uma escolha judiciosa, para a qual os princípios da Doutrina podem fornecer úteis indicações” (“Revue”, novembro, 1867);
- “A opinião da maioria dos Espíritos é um poderoso controle para o valor dos princípios da Doutrina, mas não exclui o do julgamento e da razão cujo uso incessante todos os Espíritos sérios recomendam. Quando o ensino se generaliza espontaneamente sobre uma questão, num determinado sentido, é um indício certo de que tal questão chegou ao seu tempo” (“Revue”, março, 1868);
- “Por mais racional que nos pareça esta explicação, não a damos como absoluta, mas a título de hipótese e como tema de estudo, até que tenha recebido a dupla sanção da lógica e da opinião geral dos Espíritos, único controle válido das doutrinas espíritas, e que possa assegurar-lhe a perpetuidade” (“Revue”, março, 1868);
- “submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da Ciência a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus” (“Revue”, dezembro, 1868);
- “As comunicações dos Espíritos são opiniões pessoais, que não devem ser aceitas cegamente. Em nenhuma circunstância deve o homem abrir mão de seu próprio julgamento e de seu livre-arbítrio. Seria dar prova de ignorância e de leviandade aceitar como verdades absolutas tudo quanto vem dos Espíritos, pois eles dizem o que sabem. Cabe-nos submeter seus ensinamentos ao controle da lógica e da razão” (“Revue”, abril, 1869).

Ainda Sausse...

Ainda nos traços biográficos de Sausse sobre o Codificador, encontramos alguns outros elementos que são extremamente úteis para entender o alcance do método criado por Rivail, na composição e na atualização (considerando o período de 1857 a 1869) das informações trazidas pelos Espíritos. Sim, porque a doutrina jamais esteve (ou está, em nossos tempos) pronta e acabada, em caráter definitivo, mas se vincula ao princípio da PROGRESSIVIDADE dos ensinamentos dos espíritos e, portanto, deveríamos, após a sua partida para o Mundo Espiritual, ainda no século XIX, como nos vindouros, XX e XXI, termos adotado o CUEE para continuar selecionando as psicografias ou psicofonias para incluí-las no “corpo” de doutrina espírita. Lembremos que Kardec, inclusive, não fechou as portas para a (possível) apresentação (e

reconhecimento) de outros PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS, além dos já considerados: Divindade, Individualidade (da alma) ou Espiritualidade, Transcomunicabilidade, Evolutividade, Pluralidade (das Existências e dos Mundos Habitados).

Veja-se o que Sausse apresentou: “os diferentes grupos, tanto como os indivíduos, se acham sob a influência de certos Espíritos que presidem aos seus trabalhos, ou os dirigem moralmente. Se esses Espíritos não se acham de acordo, a questão está em saber qual é o que merece maior confiança; será, evidentemente, aquele que, em todos os pontos, dá maior número de provas de superioridade. Se tudo nesse ensino é bom, racional, pouco importa o nome que toma o Espírito; e a esse respeito a questão de identidade é inteiramente secundária. Se, sob um nome respeitável, o ensino peca pelas qualidades essenciais, podeis imediatamente concluir que é um nome apócrifo e que é um Espírito impostor ou galhofeiro”. E conclui: “Os Espíritos enganadores tudo podem imitar, tudo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento” (SAUSSE, *cit.*), já que a única garantia de superioridade, nos ensinamentos apresentados, é o PENSAMENTO e a maneira por que é expresso.

Segundo Kardec, os espíritas deveriam desconfiar dos próprios julgamentos, para examinar friamente as comunicações, pesando, contrapondo a opiniões de outras pessoas, pois “quatro olhos vêem melhor do que dois”, conforme o provérbio.

Outro ponto a salientar, quanto ao processo de avaliação das mensagens e a sua subordinação (ou não) ao CONTEÚDO ESPÍRITA, foi a advertência fraterna dada por Rivail na “Revue Spirite”, quando antecipava a publicação de “O livro dos médiuns”. Diz ele: “O Espiritismo experimental é cercado de muito mais dificuldades do que geralmente se pensa, e os escolhos aí encontrados são numerosos. É isso que ocasiona tantas decepções aos que dele se ocupam, sem a experiência e os conhecimentos necessários” (“Revue”, Janeiro de 1861).

REQUISITOS PARA O NOVO CUEE:

Apresenta-se uma proposta que seja capitaneada por espíritas estudiosos, para a releitura e revisão do CUEE estabelecido por Kardec na fase inicial do Espiritismo.

Relembre-se que o próprio Codificador estabeleceu a Progressividade do Ensino dos Espíritos que se basearia, ao longo do tempo, de novas evocações aos Espíritos Superiores, para que fossem tratadas questões novas ou, sempre que necessário, em face de experiências e descobertas, com novas teses, científicas, houvesse a necessidade de inquirir aos Espíritos acerca de determinadas questões, que tivessem sido abordadas pelo Codificador no período em que o mesmo dirigiu as atividades espíritas (1857-1869).

Baseando-se em balizas estabelecidas pelo próprio Codificador e entendendo que as mesmas permanecem atuais e oportunas, podemos salientar os seguintes pontos:

- A natureza dos trabalhos espíritas exige calma e recolhimento, sem a preocupação com meras discussões e com a manifestação de sentimentos malévolos;
- A fraternidade é a grande divisa e a principal pedra de toque dos agrupamentos espíritas, evitando-se membros que sejam egoístas, ambiciosos e orgulhosos;

- Os grupos devem estar fundados de acordo com o verdadeiro espírito da Doutrina, como membros de uma mesma família, mesmo estando em lugares diferentes, sem qualquer tipo de rivalidade entre eles; e,
- O pressuposto fundamental é a busca da unidade dos princípios, uma vez que a bandeira é uma só e que todos se dirigem para um mesmo fim.

O PROJETO DO “ESPIRITISMO COM KARDEC” (ECK)

No início de 2018, com base nas discussões doutrinárias realizadas em um grupo da plataforma Facebook, denominado “Espiritismo com Kardec (ECK)”, surgiu a ideia de desenvolver um projeto teórico-prático para repetir, ainda que em pequena escala e em experimentação preliminar, com médiuns e grupos mediúnicos voluntários e pré-selecionados, uma experiência que utilizasse o critério de aferição estabelecido por Kardec, qual seja o CUEE. É este o projeto que apresentamos a seguir.

Depois de alguns meses de discussão, o projeto final foi delineado. Destacamos, do mesmo, os pontos principais:

1. Escopo
2. Temas
3. Grupo de Coordenação. Funções
4. Grupos Mediúnicos. Funções
5. Grupos de Análise. Funções
6. Cronograma
7. Controle de Qualidade
8. Relação Inicial de Temas Sugeridos
9. Relação Inicial de Espíritos a serem Evocados

1. Escopo

- a) Evocações contendo perguntas sobre temas não desenvolvidos suficientemente por Kardec (ex.: passe, momento da ligação do Espírito ao corpo, etc.);
- b) Evocações contendo perguntas sobre temas não abordados por Kardec (ex.: homossexualidade, doação de órgãos, etc.);
- c) Sugestões iniciais de Espíritos a serem evocados; e,
- d) Experimentos de emancipação da alma, de efeitos físicos, etc., observáveis e relatados, se ocorrentes.

2. Temas

Serão definidos mensalmente pelo Grupo de Coordenação (GC), dentre a base de temas sugeridos por todos os integrantes do projeto. Novos temas poderão ser agregados, em razão de necessidades específicas e momentâneas.

3. Grupo de Coordenação (GC). Funções.

- Composição: no mínimo um líder (coordenador) e dois assistentes.
- Posição: será a ponte entre os Grupos Mediúnicos (GM) e os Grupos de Análise (GA).
- Operacionalidade: submeterá as questões aos GMs, identificados numericamente pelos códigos de área. Tal identificação facilitará a futura catalogação por região geográfica.
- Dinâmica: recepcionará, organizará e repassará as respostas e mensagens recebidas aos GAs, c/ o cuidado de se adotar um procedimento "cego", i.e., os GAs não saberão detalhe algum (área, GM, médium, Espírito, data, hora, etc.), além do seu conteúdo. Isto para evitar qualquer influência quanto à "assinatura" do Espírito, identidade do médium ou elementos correlatos ao grupo mediúnico em que foi recepcionada a mensagem.
- Controle: fará a revisão de todas as conclusões das análises recebidas dos GAs, emitindo um relatório final de conclusões (que obviamente poderão não ser definitivas). É sugerido usar sempre a Escala Grade (Grau de Aderência para o Desenvolvimento do Espiritismo), desenvolvida pelo Comitê Central do ECK.
- Participações Externas: sempre que necessário, dependendo das questões ou dos experimentos, um especialista em estatística, bem como especialistas em outros campos do conhecimento (área ou especialidade contida na mensagem), deverão ser consultados, preferencialmente de modo gratuito e voluntário e, quando não, mediante contratação de parecer.

4. Grupos Mediúnicos (GM). Funções.

- Composição: no mínimo, um líder (coordenador), um assistente e os componentes da reunião mediúnica. Recomendável a existência de, pelo menos um médium vidente, para relatar as presenças espirituais e apresentar relatório de verificação.
- Identidade: cada um dos grupos selecionados receberá uma identificação (id) p/ fins de catalogação.
- Dinâmica: enviarão ao GC no prazo de um mês, a partir do recebimento das questões, as respostas coletadas em suas reuniões semanais, gravadas (psicofonias), escaneadas (psicografias) e transcritas (psicofonias e psicografias) numa mídia eletrônica.

5. Grupos de Análise (GA). Funções.

- Composição: no mínimo um líder (coordenador), um assistente e três revisores.
- Dinâmica 1: receberão do GC apenas o conteúdo transcrito das respostas e mensagens.
- Análises: linguagem; conteúdo; identidade demonstrada; comparação com biografias de quando encarnados e com outras produções mediúnicas (Codificação), se existentes.

- Dinâmica 1: enviarão ao GC no prazo de um mês, a partir do recebimento das respostas, a conclusão das análises coletadas, de acordo com a dinâmica de revisão estabelecida pelo grupo

6. Cronograma.

Será definido pelo GC p/ cada tema. Se necessário, poderá ser ampliado o prazo de coleta ou o de análise.

7. Controle de Qualidade.

Cada grupo (GC, GMs e GAs) deverá propor uma metodologia de aferição da qualidade de seus grupos, e.g., avaliação do grau de vidência ou da precisão de informações recebidas pelos médiuns dos GMs, para "background" dos revisores dos GAs, etc.

8. Temas Inicialmente Cogitados.

- a. Passe e água fluidificada;
- b. Momento de ligação do Espírito; hereditariedade espiritual e reprogramação epigênica; reprodução assistida e fertilização in vitro; experiência com células-tronco, terapia genética e eugenia; anencefalia, aborto e pílula do dia seguinte;
- c. Dinâmica da vida e das paisagens na dimensão espiritual; e.g., aprendemos que a "escolha de provas da reencarnação" é um mecanismo das leis naturais, também chamado de Justiça Divina. Sabemos q a Justiça dos homens se realiza através da Constituição. Quais seriam os parâmetros da Justiça dos Espíritos? Ou o anarquismo, como teoria social, caracterizaria a convivência na Espiritualidade?
- d. Espiritismo perante a geração espontânea, as luas de Marte, os anéis sólidos de Saturno, a vida material em outros planetas;
- e. Energia e fluidos perante o modelo padrão e a cromodinâmica & eletrodinâmica quânticas;
- f. Teoria do multiverso;
- g. Excentricidades do MEB (pineal, vitamina B3 e fosfato inorgânico nos efeitos físicos, misticismo quântico, anti-matéria na dimensão espiritual, apometria, TCI, cinturão de fótons, crianças índigo/cristal, animais e reprodução na dimensão espiritual, medicina alternativa, complementar ou integrativa, mesmerismo, homeopatia, bioenergia e reiki, astrologia, Os 4 evangelhos, etc.);
- h. O Evangelho segundo o Espiritismo perante a heteronomia;
- i. Desafios à divulgação da Doutrina Espírita;
- j. Desafios à pesquisa sobre efeitos físicos perante as fraudes;
- k. Desafios à pesquisa científica da Doutrina Espírita, principalmente quanto à reencarnação e à mediunidade, e à falseabilidade e às evidências anedóticas;
- l. Perenidade, profundidade e automatismo das alterações perispirituais; marcas de nascença e casos teratológicos;

- m. Predisposição orgânica da mediunidade, utilidade da neuroimagem funcional (FMRI) em pesquisas, biofótons, etc.;
- n. Homossexualidade;
- o. Momento de desligamento do Espírito; morte clínica e doação de órgãos; eutanásia, distanásia e ortotanásia; cremação;
- p. Validade das práticas atuais pós-Codificação (passe, vibrações, evangelho no lar, atendimento fraterno, assistência social, etc.);
- q. Questões sobre efeitos físicos.

Nota: Que tipo de perguntas poderiam ser endereçadas, cujas respostas não devessem ser resultado de nosso próprio esforço, como encarnados?

9. Lista Inicial de Espíritos a Evocar.

Espíritos (sugestões iniciais)	Referência	Desencarne
Alamar Régis	Espírita	2016
Nestor Masotti	Espírita	2014
José Manoel Barboza	Espírita	2013
Carlos Bernardo Loureiro	Espírita	2006
Amílcar Del Chiaro	Espírita	2006
Chico Xavier	Espírita	2002
Carl Sagan	Cientista	1996
Peixotinho	Espírita	1996
Karl Popper	Filósofo	1994
Paul Feyerabend	Filósofo	1994
Richard Feynman	Cientista	1988
Deolindo Amorim	Espírita	1984
Herculano Pires	Espírita	1979
Bertrand Russel	Filósofo	1970
Thomas Kuhn	Filósofo	1966
Albert Einstein	Cientista	1955
Nikola Tesla	Cientista	1943
Eurípedes	Espírita	1918
Allan Kardec	Espírita	1869
Immanuel Kant	Filósofo	1804
São Luís	Cristão	1270
Santo Agostinho	Cristão	430
Erasto	Cristão	Século I

Observação: Que tipo de interlocutores teriam "background" para lhes fazer as perguntas e lhes entender as respostas?

Eis, assim, um esboço do "Projeto Novo CUEE", para ser realizado por estudiosos e especialistas espíritas. A princípio, como um exercício de avaliação da produção mediúnica de alguns grupos

que se dispusessem a participar, mas obedecidas algumas regras a serem definidas pelo Grupo de Coordenação (GC).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É bastante comum a circunstância dos estudiosos espíritas, ao se debruçarem sobre o chamado Método Kardequiano, buscarem entender a “fórmula” do Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos, que também poderia ser denominado de Consenso Universal dos Ensinos dos Espíritos, no que se manteria a mesma sigla – CUEE – e se destacaria o “espírito” do trabalho do Professor francês.

O CUEE foi sempre salientado por Kardec em seus escritos. E, em suas “obras condensadas” (em especial, “O livro dos Espíritos”, “O livro dos Médiuns”, “O evangelho segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno” e “A Gênese”), ele buscou reunir mensagens recepcionadas mediunicamente que foram corroboradas por outras, isto é, aquelas que continham a mesma informação ou fossem conexas, recebidas em distintos lugares e instantes, por médiuns igualmente distintos e SEM comunicação entre si (e sem conhecimento PRÉVIO do teor das mensagens), foram assim consideradas.

Era bastante comum, assim, Kardec valer-se do seu “laboratório”, o Jornal de Estudos Psicológicos, a sua “Revue Spirite”, para apresentar comunicações diversas para maturação e análise – não somente sua, mas de outros leitores estudiosos. À medida em que as mensagens sobre determinado tema “se repetiam”, Kardec as correlacionava e passava a compor os capítulos das obras acima destacadas, bem como revisões EM VIDA, de tais livros, publicando-os, TODOS, até a fatídica data de 31 de março de 1869, quando desencarnou.

Quando os estudiosos dos séculos XIX (final), XX e XXI (sendo, estes dois últimos, a chamada contemporaneidade espírita, distante do Espiritismo nascente e já com variadas interpolações (religiosas, principalmente, ou filosófico-científicas – para os pesquisadores que se valem de elementos de filosofia e/ou ciência, afastando-se da mera crença), passaram a analisar o CUEE, eles se deram conta da magnitude do projeto kardeciano (e, também, e isso é necessário de ser salientado, das limitações e das falhas do próprio Kardec, afastando-nos, igualmente, da idolatria cega e do fanatismo). Sim, Kardec foi um homem (Espírito encarnado) e, como nós, teve as limitações orgânicas e valeu-se de sua inteligência e percepção de uma individualidade á frente do seu tempo, mas sem perfeição ou pureza, como falsamente alguns lhe atribuem. Não era, ele, ainda, no nosso entendimento, sequer um Espírito Superior (em observância aos caracteres contidos na “Escala Espírita”, itens 100 e seguintes de “O livro dos Espíritos”), o que não o impediu de realizar um trabalho hercúleo em sintonia com as Inteligências Invisíveis, nem prejudicou o seu desempenho, que foi o melhor que lhe era possível realizar.

A pergunta que se faz, conclusivamente, é se os espíritas do Século XXI poderiam reeditar o seu método. A este questionamento respondemos, aparentemente dubiamente, SIM e NÃO.

Iniciamos pela negativa: NÃO, porque as condições de distanciamento, a precariedade dos meios de comunicação e os elementos de seriedade de Kardec (e Amélie-Gabriele, que o auxiliou decisivamente no processo de criação e organização do Espiritismo) dificilmente estarão

presentes entre os humanos de nossos dias. E isso não significa, em qualquer hipótese, que os indivíduos em geral sejam “inferiores” aos do Século XIX. Todavia – e as situações do meio espírita de hoje, generalizadamente, o demonstram, quem devotaria tempo praticamente total à produção de obras realmente “complementares” ao que Kardec nos legou, em conjunto com (os mesmos ou outros) Espíritos TIDOS como Superiores? Difícil imaginar ou projetar isso...

Agora, a positiva: SIM, enquanto inspiração, enquanto metodologia – que compreende, primeiro, a aferição da idoneidade do Espírito e do médium participantes (e esta questão, sim, é de inafastável acuidade e relevância, a par de ser de difícil exame, entendemos) – a circunstância real de recolhimento de mensagens mediúnicas e o exame de seus conteúdos é possível de ser efetivado nos dias hodiernos. E, também, complementarmente ao fundamental trabalho de Kardec, as comunicações atuais terão de ser submetidas aos critérios genuinamente espíritas, baseados no próprio CUEE, numa espécie de controle/consenso atemporal, entre o que se produzir hoje e o que foi produzido àquele tempo.

O principal “detalhe” (que não é um detalhe em si, mas uma questão de fundo, de mérito e de integridade) é atentar para o princípio da continuidade (dos Ensinos dos Espíritos), a que Kardec chamou de progressividade. Isto simboliza a perspectiva – até agora, utópica e prevista, ainda que seja possível – de revisão de pontos “doutrinários”, de apreciação de novos “princípios fundamentais” e do avanço espírita, seja para corroborar avanços científicos já alcançados, seja para tratar de outros, ainda sem “descoberta” por parte dos homens (Espíritos encarnados).

Para que isto seja possível e viável, é necessário aos espíritas de hoje a superação do estigma do avestruz (que esconde a cabeça no solo), para realizar aquilo que nos seja possível. Na falta de “alguém” como Kardec, que cada um se assenhore de suas capacidades, habilidades, competências e... limitações, defeitos e objetivos pessoais.

Finalizando, vemos teoricamente possível, praticamente viável, mas falta um elemento essencial, que é tarefa dos espíritas desenvolverem enquanto método pós-kardeciano de apreciação, seleção e composição de obras, que possam ser submetidas ao crivo de estudiosos e especialistas em Espiritismo (e não meramente simpatizantes, frequentadores de grupos/instituições), para exame imparcial e crítico. Esse elemento é a ÉTICA, capaz de superar personalismos, individualismo e vaidade e orgulho.

Um trabalho, entendemos, a ser realizado sem pressa, mas constante. Sem, entretanto, esperar aplausos ou unanimidade em termos de concordância. Afinal, as inteligências são distintas...

O que (nos) falta, então, para realizar, de modo solidário, conjunto e com ÉTICA, esse trabalho ou projeto?

NOTAS:

[1] Trabalho originalmente apresentado pelo autor, em um Fórum do Livre Pensar Espírita, realizado na cidade de João Pessoa, em setembro de 2018. Inédito, enquanto texto (artigo), está sendo publicado, de forma revista, nesta data.

[2] Evocação é trazer à lembrança ou recordar. Em se tratando de Espiritismo e Mediunidade, Evocar é chamar os Espíritos, fazê-los aparecer (para se manifestarem). Em “O livro dos Médiuns”, item 282, Kardec lista 35 perguntas (com as respectivas respostas) sobre as evocações. E, no opúsculo “Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas”, item 24, “in fine”, o Codificador acrescenta com precisão: “A evocação dos Espíritos se faz em nome de Deus, com respeito e recolhimento; é a única coisa recomendada às pessoas sérias que querem ter relações com Espíritos sérios”.

[3] Afirmação de Silvio Chibeni, em “O Prefácio de Kardec à segunda edição francesa de O Livro dos Espíritos”, disponível no Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp em <www.geeu.net.br>. Acesso em 11. Ago. 2018.

[4] Citam-se os Srs. Carlotti, René Taillandier, Tiedeman-Manthèse e os Sardou (pai e filho).



Para acessar outros materiais, artigos e informações:

<https://www.comkardec.net.br/>